

ASCENSÃO E QUEDA DO SEGUNDO IMPÉRIO DA FRANÇA (1852-1870), EM A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES, DE EÇA DE QUEIROZ

Denise ROCHA*

RESUMO: Nos anos de sua formação político-intelectual-literária, José Maria Eça de Queiroz (1845-1900) posiciona-se em manifestos, cartas e em artigos jornalísticos contra Napoleão III, considerado um amordaçador de opositoristas e um megalomaniaco na política externa, que levou a França à derrota contra a Prússia, em Sedan (1870). No romance *A tragédia da rua das flores*, escrito nos anos 1877 e 1878, Eça delineia sua protagonista portuguesa, Genoveva de Molineux, como uma *cocotte* internacional, a qual teve perdas afetivas e financeiras por causa da guerra franco-prussiana. Apesar da queda da monarquia francesa, a dama mantém-se fiel ao Imperador e apresenta-se, em Lisboa, com um ramo de violetas, flores-símbolo dos bonapartistas. Injuriada, ela relata ao seu amante, Vitor, anedotas correntes sobre Napoleão III. Em uma concorrida *soirée* musical na residência de Genoveva, na Rua de São Bento, são travados debates conflituosos entre os adeptos e os inimigos do Segundo Império sobre o escritor Victor Hugo e o político Leon Gambetta, personagens históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa. Eça de Queiroz. *A tragédia da rua das flores*. História. França.

Introdução

Estudante de Direito em Coimbra e amante dos ideais democráticos, José Maria Eça de Queiroz (1845-1900), influenciado pelo escritor Victor Hugo, começa a desprezar Napoleão III: Imperador cesarista, ele vai se envolver em

* UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Instituto de Humanidades e Letras. Redenção – CE – Brasil. 62.790-000 – rocha.denise57@gmail.com

conflitos internacionais político-militares, como os confrontos bélicos com a Criméia (1854-1856) e com a Itália (1859); a aventura militar no México (1864-1867); e a guerra com a Prússia que iria levar a França à bancarrota na batalha de Sedan (1870) e que lhe custaria o trono.

A administração de Napoleão III (Luís Bonaparte) e o de sua esposa, a espanhola Eugénie de Montijo, que atuou duas vezes como regente (1859 e 1870), bem como as querelas entre bonapartistas e republicanos e a morte de envolvidos na guerra franco-prussiana, de forma direta e indireta, entre outros aspectos, foram temas ecianos abordados em algumas narrativas: *O mistério da estrada de Sintra*, *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro*.

No romance *A tragédia da rua das flores*, Eça de Queiroz (1980) apresenta o lado frívolo, artístico e musical da cidade de Lisboa, ou seja, uma faceta da paisagem ficcional e histórica lusa, que estava entrelaçada com alguns momentos do aclamado-odiado governo de Napoleão III.

Rica e versátil, Genoveva, prostituta itinerante, com experiências na Espanha, Inglaterra e França, teve prejuízos sentimentais e monetários por causa da guerra franco-prussiana, do ano de 1870. Apesar disso, continuou a ser imperialista devota: pelo uso de ramos de violetas bonapartistas e pela ojeriza ao hino *A marselhesa*.

Um dos convidados de um sarau musical na casa da graciosa anfitriã, recém-chegada de Paris, defende, com voz inflamada, o legado de Victor Hugo. Ele poderia ser um alter-ego de Eça de Queiroz: Simpatizante apaixonado pela obra e engajamento político de Hugo, José Maria por ocasião do falecimento do consagrado escritor francês, escreveu uma carta (7-6-1885) a Mariano Pina, diretor d'*A Ilustração*, na qual confessa: “Eu, como você sabe, sou um *Hugólatra*: tenho a paixão do mestre.” (HUGÓLATRA, 1993 p.497).

Napoleão III na visão de Eça de Queiroz

O Imperador da França, Napoleão III (1808-1873), teve uma carreira política “gloriosa” (1852-1870) até a guerra franco-prussiana, que causou a queda da monarquia (1870) e o seu exílio na Inglaterra, onde faleceu. Homônimo de seu pai, Luís Bonaparte, que era rei da Holanda e irmão de Napoleão I, o jovem teve seu casamento arranjado pelo seu tio-imperador com Hortense de Beauharnais, sua enteada. Genro de Josephine, primeira esposa de

Napoleão I, Luís foi nomeado deputado da Segunda República, e três meses mais tarde, foi eleito Presidente¹.

No ano de 1852, Luis Bonaparte [Filho] foi sagrado Imperador, acontecimento que cristalizava uma continuidade dinástica, iniciada pelo seu tio, o corso Napoleão I que levava a França ao caos. A ascensão de Luís – de deputado e presidente republicano a uma espécie de César- provocou a ira do jornalista e político Henri Rochefort,² do político Léon Gambetta³ e do escritor Victor Hugo [Gambetta e Hugo são temas de discussões acaloradas em *A tragédia da rua das flores*].

Após o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851, Hugo partiu em exílio para Bruxelas, onde redigiu no ano de 1852: *Napoléon Le petit, e L' Histoire d'un crime*. A primeira obra, que expressava ácidos ataques ao antigo imperador, Napoleão Bonaparte, e ao recém-coroadado, Luis Bonaparte- Napoleão III, tinha como objetivo acordar a França: “[...] falar com o soldado que tem uma gravura do Imperador na sua choupana e que vota em qualquer coisa por causa disso. Esse povo é bom e honesto. Compreenderá. Sim, camponês, eles são dois, o grande e o pequeno, o ilustre e o infame, Napoleão e Napoleão.” (HUGO, 1996, p.64). Em Jersey, Hugo escreveu cerca de 6000 versos satíricos contra Napoleão III, publicados, em *Les châtiments* (1853). Somente depois da queda da França e do Imperador bonapartista, na batalha de Sedan, em 1870, o consagrado escritor pode retornar a sua terra natal, depois de viver aproximadamente 20 anos no exílio.

Leitor e admirador de Victor Hugo (1802-1885), o jovem estudante José Maria Eça de Queirós absorveu suas ideias anti-bonapartistas. Herdeiro de tradições liberais, aos 26 anos de idade e universitário do segundo ano do curso

¹ No dia 10 de dezembro de 1848, Luís Bonaparte foi eleito presidente da República Francesa por sufrágio universal, mas articulou um golpe contra o Parlamento. Uma tentativa de contra-golpe, organizada por grupos de republicanos, foi brutalmente combatida pelo exército. Apoiado pela burguesia, Luís Napoleão conclamou um plebiscito, no qual saiu consagrado (95%). Por isso, instituiu a monarquia e tornou-se Imperador da França, com o título de Napoleão III (Segundo Império, 1852-1870).

A situação caótica na França, nos anos 1848 a 1851, que culminou com o golpe organizado por Luis Bonaparte e asseclas, incentivou Karl Marx a escrever *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, nos anos 1851 e 1852, que fez referências à atitude imitativa do sobrinho em relação ao tio-imperador que o alçou ao poder devido a um golpe de estado (MARSON, 2005, p.138).

² Henri Rochefort (1831-1913) foi o fundador do jornal *La Lanterne*, semanário político de oposição a Napoleão III. Exilado em Bruxelas, acolhido por Victor Hugo, ele regressou à França, em 1870, depois da queda da monarquia, e foi eleito deputado por Paris. Rochefort aparece em *Os Maias*.

³ Leon Gambetta (1838-1882), Deputado de Paris, foi eleito, como um dos membros do Governo de Defesa Nacional, por ocasião da proclamação da República Francesa, no dia 4 de setembro de 1870. Nos anos 1881 e 1882 ele foi Primeiro Ministro.

de Direito, Eça assinou o *Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país* (1862-1863), de autoria de Antero de Quental, entre outros.

Em *O Distrito de Évora*, jornal bissemanário de oposição ao governo de Joaquim António de Aguiar, Eça, que atuava como organizador e redator-geral, analisa alguns aspectos da política interna e externa de Napoleão III, nas edições de fevereiro a julho de 1867: a lei da censura da imprensa na França; a formação da oposição no Parlamento; o descontentamento do exército e da burguesia, que havia elevado Luís Bonaparte ao poder monárquico; e o fracasso da aventura militar no México, encerrada com o fuzilamento de Maximilian (1867).

Eça escreve, na edição de 7 de fevereiro, de *O Distrito de Évora* (número 9), a respeito da força estratégica do bem organizado, equipado e disciplinado exército de Berlim no conflito com a Boêmia, e seu eco na paisagem política francesa: “[...] as vitórias da Prússia tinham deslumbrado a França; o exército estava descontente. [...] Mas o imperador quis serenar o descontentamento militar: decretaram-se armamentos, fizeram-se reorganizações, moveram-se tropas.” (QUEIROZ, 2000, p.126).

Tal mostra do imenso poderio estrategista-técnico-militar do alemão von Moltke sobre a Áustria não intimidou o Imperador francês, que declarou guerra a Berlim, no dia 19 de julho de 1870⁴. A invasão da fronteira da França, com três exércitos prussianos, no total de 400.000 homens, já demonstrava a capacidade de vitória germânica, ao deparar com os mal equipados franceses e sua deficiente coordenação estratégica, sob o comando do Imperador, de Bazainre e Mac-Mahon [No romance *A Tragédia da rua das flores*, a protagonista eciana, Genoveva, teve de fugir para Bruxelas sem levar quase nada].

Depois das vitórias alemãs, na região da Alsácia, Eça escreveu de Leiria, em agosto de 1870, ao amigo Eduardo Coelho, fundador do *Diário de Notícias*: “Escrevo do meu exílio administrativo [...]. Penso na guerra: eis a minha ocupação. Todas as manhãs aplaudo as derrotas do segundo império; todas as tardes lamento as humilhações da França.” (QUEIROZ, 2000, p.913).

⁴ A coroa da Espanha, vaga desde 1868, foi oferecida a Leopold Von Hohenzollern-Sigmaringen, primo de Wilhelm I, rei da Prússia. Napoleão III não aceitou a proposta, por temer a expansão prussiana, e foi ouvido. Não satisfeito, exigiu que o rei da Prússia desse garantias, de que jamais um membro de sua família ascendesse ao trono espanhol. O pedido, que foi negado por Berlim, feriu o orgulho da França que declarou guerra.

No final de agosto de 1870, após as batalhas de Borny, Rezonville e **Saint Privat**, o reduzido exército francês se vê cercado em Metz; e o cerco prussiano fecha o vale de Sedan, onde se encontra Napoleão III [Na **Batalha de Saint Privat** falece o visconde de La Rechantaye, o jovem amante de Genoveva].

Enfermo e derrotado, o Imperador capitulou, sem impor condições, para evitar um massacre entre seus soldados. No dia 4 de setembro de 1870 é proclamada a República na França; e na Sala de Espelhos do Palácio de **Versailles** foi fundado o Império da Alemanha unificada, com Wilhelm I⁵ [O senador monarquista Mr. de Molineux, companheiro de Genoveva, morreu de apoplexia, no dia da ida do Senado a Versailles, para prestar juramento ao governo republicano].

A Guerra Franco-Prussiana e seus desdobramentos foram assuntos escolhidos por Eça de Queirós para a área cronística e ficcional, com destaque para aquelas publicadas em *Uma Campanha Alegre* (Setembro de 1871) e em *As Farpas* (Outubro de 1871), como por exemplo, nas críticas à entrada da ex-imperatriz francesa, Eugénia de Montijo, a “loura e altiva inquilina das *Tulherias*”, em Lisboa, rumo à Espanha, e seus privilégios alfandegários (QUEIROZ, 2000, v.3, p.743).

Como tentativa de construção literária de verossimilhança histórica, Eça apresentou a questão da França do Segundo Império nas seguintes narrativas: em *O mistério da estrada de Sintra* (clima de revanche na França, depois da derrota na batalha de Sadowa); em *Os Maias* (Saudações de militares e da nobreza a Napoleão III e exigências para o ataque a Berlim (Prússia), e a morte do amante de Maria Eduarda na batalha de Saint Privat, anterior à queda, em Sedan); e em *O crime do Padre Amaro* (Conversas sobre possível abdicação de Napoleão III e a nomeação da imperatriz como regente), etc.

O envio da declaração de guerra a Berlim, a fuga de pessoas de Paris para Bruxelas, bem como a batalha de Saint-Privat e a capitulação francesa, em Sedan, e suas consequências, atingiram a biografia da personagem ficcional Genoveva, protagonista de *A tragédia da rua das flores*, em sua ascensão e derrocada pessoal na França.

⁵ A guerra entre a França e a Prússia, iniciada, de fato, no final do mês de julho, com a penetração das tropas prussianas, em território francês, seguida do primeiro confronto, no dia 2 de agosto, em Sarrebruck, foi encerrada no dia 2 de setembro. Em menos de 6 semanas, a França de Napoleão III foi derrubada e ele perdeu o poder.

A França do segundo império: reflexos em *A tragédia da rua das flores*

O romance *A tragédia da rua das flores* foi concluído no ano de 1878, considerado o “ano magno” de Eça de Queiroz por João Medina (MEDINA, 1972), pois, nessa época, o escritor publicou *O primo Basílio*, terminou a revisão de *O crime do Padre Amaro*, e a escrita de *A capital* e de *A Batalha do Caia*. No entanto, o romance do amor interdito entre um casal, que levou ao suicídio a amante, Genoveva (Joaquina da Ega), ao saber que era mãe biológica do amante Vitor, não foi revisto por Eça, apesar dos planos de publicação, comunicados por cartas ao seu editor Ernesto Chardron e a Ramalho Ortigão. No ano de 1925, a Editora Lello & Irmão anunciou a publicação dessa narrativa e de outras inéditas, mas a família de Eça recuou, e o romance sobre o incesto involuntário somente foi publicado no ano de 1980, depois que o manuscrito passou a ser propriedade do Estado e ir para o Arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa (ROCHA, 2012). A edição utilizada para o presente estudo é aquela publicada por Moraes Editores, de Lisboa, que tem a fixação do texto e as notas feitos por João Medina e A. Campos Matos.

Joaquina dos Melros, moradora da Guarda, fascinou dois irmãos: Timóteo e Pedro, com o qual se casou. Abandonou o marido e um filho de dois meses para seguir um espanhol. Seguiu para Inglaterra, onde iniciou a existência de meretriz rica e culta, mas fugiu com um amante para a França, onde foi rejeitada e conseguiu amasiar-se com um senador do Império, M. de Molineux. Assumiu uma nova identidade, como Madame Genoveva de Molineux, originária da Ilha da Madeira. Perdeu bens afetivos e financeiros com a guerra franco-prussiana, mas conheceu o brasileiro Gomes e retornou a Lisboa. Não viajou para o Brasil, conforme planejado, e apareceu esplêndida em um camarote, no Teatro da Trindade, para assistir à ópera *Barba Azul*, onde conheceu Dâmaso Mavião, seu futuro amante, e o jovem advogado Vitor, que era seu filho biológico, que não foi reconhecido por ela, apesar das semelhanças faciais. Com atitudes francesas, sua presença evocou a Paris de Napoleão III, no Segundo Império, destacada na organização da exposição de 1867, e que tinha passado por transformações urbanísticas. Era:

[...] a época dos grandes *magazins*; dos cafés-concerto; dos fardamentos emplumados e coloridos; dos desfiles militares aparatosos, a propósito de tudo e de nada, para mostrar a força triunfante do regime dos postais-ilustrados; das vistas estereoscópicas;

do progresso da fotografia [...] do jogo do *whist* e dos divertimentos de palavras e dos *calembours* [...] da moda de crinoline – vestido em forma de campânula sustentado por vasta armação metálica, completada por extensas capas de seda [...] (MATOS, 1993, p.645).

A paisagem arquitetônica e cultural de Paris interessava ao jovem advogado Vitor, principalmente, pelos “[...] seus políticos, os seus artistas, os seus poetas, as suas cortesãs – que o interessavam. Como saboreava os mais pequenos pormenores sobre Dumas Filho, sobre Gustavo Doré, sobre os bailes de máscaras d’Arsène Houssaye! Era como [um] mundo novo em que penetrava.” (QUEIROZ, 1980, p.224). Embevecido pelo amor de Genoveva, que viveu anos na capital parisiense, Vitor gostava de ouvir sua amante contar sobre suas experiências, bem como as fofocas a respeito do Imperador Napoleão III, que mostravam ser ele um homem infantilizado, perigoso, devasso e de personalidade bipolar:

As anedotas sobre Napoleão III encantavam-no: o Imperador, encerrando-se horas e horas, com um empregado da polícia secreta por gosto da intriga, e amor mórbido da mexerique! O Imperador, fechando-se alta noite no seu gabinete, e enquanto se pensava que ele meditava sobre os destinos da França, o augusto personagem recortava com habilidade figurinhas coloridas que colocava com um pincel, sobre um papel, formando grupos de fantasia: ou as noites em que se encerrava, com três, quatro mulheres, e se deixava ir a excessos que o deixavam embrutecido, idiota e taciturno, semanas e semanas, ora desejando a excitação duma guerra, ora a paz dum convento! (QUEIROZ, 1980, p. 224).

**Figura 1 – As violetas bonapartistas,
símbolo da monarquia de Napoleão III.**



Fonte: DECARLO EVENTOS (2013).

Monarquista assumida na Paris republicana pós-1870 e em Lisboa, a bela anfitriã Genoveva, na comemoração de seu aniversário, decorou a mesa quadrada festiva, de forma ideológica: “E cada um dos convidados ao desdobrar o guardanapo adamasado achou nas pregas um raminho de violetas”. D. João da Maia, um dos membros da nobreza decadente de Portugal, comentou com suas duas vizinhas na mesa: “Vêem-se bem as opiniões bonapartistas da casa [...]” Joana comenta: “- É a minha flor predilecta [...]. nenhum flor tão poética...” (QUEIROZ, 1980, p.137).

O jovem Vitor, que começava a visitar Genoveva, depois do rompimento dela com o seu amante Dâmaso, confessa à *cocotte* que a adorava. Emocionada, pela confissão de amor do jovem, em uma época de início de envelhecimento pessoal, ela colocou suas mãos na boca do sensual rapaz:

– Nada dessas grandes palavras. Parece mal. – E com uma cortesia, sorrindo-se: mas quer dizer, venha pedir a minha mão à mamã. – Riu muito, – e correndo, entrou no quarto, voltou com um raminho de violetas.

– Vá, bom rapaz, disse ela: metendo-lho na casa da sobrecasaca: e disse rindo: cuido dele como dum vaso, e ainda se queixa. – *Les voilà!* As violetas bonapartistas. (QUEIROZ, 1980, p.189).

O ato visual de Genoveva de prestar homenagens a Napoleão III, em exílio na Inglaterra, refletia sua alienação em relação à sua política desastrosa, que provocou a derrocada da França e o desmoronamento afetivo e financeiro da amante de M. Molineux, senador da França. O casal vivia, conforme Joaquim Meirinho, em “um lindo palacete que tinha na Rua de Lord Byron” (QUEIROZ, 1980, p.230).

Meretriz itinerante, ela abandonara seu antigo companheiro, em Londres, por seguir o seu coração, que a abandonou em Paris. Depois de muitos pedidos e promessas a Nossa Senhora da Alegria, Genoveva conseguiu encontrar um amante rico, um senador, que era velho, calvo, desdentado, repugnante e guloso:

[...] mas era riquíssimo, cínico, de uma libertinagem vil: servira todos os regimes, com amor: Luís XVIII, Carlos X, Luís Filipe, a República, o Império; tinha um amor pela autoridade, – que o fazia cair de braços, defronte de quem chegava a instalar-se no Poder, com a língua logo pendente, pronta a lamber – segundo o que o recém-chegado trazia na bota – sangue ou lama. (QUEIROZ, 1980, p. 94).

“Lacaio” de reis e ministros republicanos, M. de Molineux nutria profundos interesses pela monarquia: “O Império inspirava-lhe um amor desmedido: tinha

aperfeiçoado as duas coisas que o faziam viver – a cozinha e o deboche; e amava-os por todas as graças que [deles]⁶ recebia: amava as instituições, o imperador, o filho do imperador, o cão do imperador [...]” (QUEIROZ, 1980, p.93).

Amparada pelo poder político e financeiro do velho senador, Genoveva, que passara a se chamar Madame de Molineux, tratou de cuidar dos seus sentimentos com um alto funcionário da área de relações internacionais: “[...] um empregado do Ministério dos Estrangeiros, o visconde de La Rechantaye – só para por na sua vida um interesse romanesco: [...] era imperialista; nunca deixava de trazer o ramo de violetas de uniforme [...]” (QUEIROZ, 1980, p. 94).

A riqueza, os privilégios e a possibilidade de manter um jovem amante, paralelo ao oficial, eram estados usufruídos por Genoveva, durante doze anos, mas tudo mudou com os planos de Napoleão III frente à Prússia. No dia da votação para o confronto bélico com os germanos, o senador, seu companheiro, ofereceu um jantar, no qual ela trajou uma *toilette* de seda cor de creme com enfeite de violetas. Na ocasião festiva, soube, que o seu outro amante, o visconde de La Rechantaye, fora incumbido de acompanhar o Secretário dos Estrangeiros, para levar a declaração de guerra a Berlim. Era a hora de sua consagração como estrangeira e mulher:

E lembrando-se então donde partira, duma pequena vila de Portugal, obsoleta e esquecida, vinha-lhe um orgulho de se achar ali, naquele dia histórico, tendo à sua mesa diplomatas, dois capitães dignos, que se iam bater, e dois senadores, que de manhã proclamaram votar a guerra [...] (QUEIROZ, 1980, p.94).

A portuguesa da Guarda, fugitiva do marido e do filho, que tinha tido amantes remediados e ricos, na Espanha e na Inglaterra, aperfeiçoado seus conhecimentos de inglês e de francês, bem como seus dotes musicais – canto e piano –, era testemunha auditiva e visual de um momento histórico do Segundo Império da França: a declaração de guerra à Prússia. Ouviu dos convidados ilustres da política e do exército, declarações sobre a postura inconsequente do Imperador e a certeza absoluta do sucesso dele nos campos de batalha: “[...] todos confiavam na vitória: e repetiam-se, com sorrisos de deleite, as palavras do Imperador; – É a minha guerrazinha. – Era a guerrazinha de S. M. – E havia uns sorrisos extáticos e devotos. [...]” (QUEIROZ, 1980, p.94). Mas a nociva

⁶ A edição de *A Tragédia da rua das flores*, publicada por Moraes Editores, de Lisboa, em 1980, tem a fixação do texto e as notas, feitos por João Medina e A. Campos Matos. Eles acrescentaram palavras em forma de parênteses, em casos nos quais Eça de Queiroz deixou incompletos.

declaração bélica de Napoleão III ao rei Wilhelm I, da Prússia, em julho de 1870, e a derrota da França, no mês seguinte, em Sedan, acabou com sua vida e a dos franceses:

Mas, e bem depressa, foi necessário fazer as malas para fugir para Bruxelas! Ali passara o Inverno tristemente no hotel: soube [d]a morte do visconde na batalha de St. Privat – e quando entraram, depois da cerimônia – no dia em que o Senado ia a *Versailles* para se prostrar aos pés da República, uma apoplexia atirou, – mudo, para cima da papele[ira], com a boca ao lado, o velho infame [...] (QUEIROZ, 1980, p.95 e 96).

A queda do Segundo Império provocou a “viuvez” dupla da bela e elegante Genoveva: a morte violenta do jovem amante, o visconde La Rechantaye, na batalha de Saint Privat, e a morte súbita do idoso senador no dia da rendição da França monárquica, em Versailles. Depois de 12 anos de concubinato luxuoso com M. Molineux, Genoveva entrou em colapso econômico, pois ele não tinha feito testamento: a viúva alegre ficou sem propriedades, sem mobílias, sem jóias e sem treze mil francos de renda: “Pobre! Viveu um ano muito retirada, muito obscura, com uma economia escassa: – e a miséria vinha talvez voltar – quando N.a S.a da Alegria lhe mandou o Gomes Brasileiro [...]” (QUEIROZ, 1980, p.96). Ele chegou em Lisboa, com planos de imigração para o Brasil, que não foram realizados por ela. No mesmo dia da partida de Gomes, Genoveva surgiu triunfante na apresentação da ópera *Barba Azul*, no Teatro da Trindade, conquistou um novo provedor, Dâmaso, e Vitor, com o qual iniciará um fogoso amor que se revelará incestuoso e fatal.

Embates ideológicos na *soirée* musical de Madame de Molineux

Anfitriã elegante, refinada e bem articulada, Genoveva, na residência da Rua de São Bento, mantida pelo novo amante Dâmaso, fez uma espécie de *debut* na sociedade lisboeta. Em animado sarau são reunidas personalidades políticas, sociais, literárias e musicais: o advogado e poeta lírico Vitor; o poeta fabulista Couto, membro da Academia Real das Ciências; o poeta Roma; o jornalista Pascoal Pimenta; o deputado Carvalhosa; o maestro Fonseca; o cantor de ópera Sarrotini; Pia de Tolomeu e o nobre João Meirinho.

Nesse ambiente eclético foram travados debates conflituosos entre um adepto e um inimigo do Segundo Império sobre o escritor Victor Hugo e o político Léon Gambetta que são personagens históricos. O eloquente

deputado Carvalhosa, contemporâneo do advogado Vitor, em Coimbra, comentou, em tom de declamação: “No segundo império, os senadores eram uma colecção caturra de velhos debochados...”, mas foi interrompido pelo jornalista Pascoal Pimenta. A discussão entre eles, de um lado, com postura monarquista, e de outro, com atitude republicana, teve uma escalada rumo à gritaria:

– Peço perdão [...] Havia grandes ilustrações: – Saint- Beuve, Merimée...

– Que levaram a França ao abismo, gritou logo o Carvalhosa. Pelo amor de Deus não me fale no Império, meu caro amigo. O Império é a corrupção, é a lei calcada aos pés, é a liberdade agrilhoadada, é a orgia nas Tulherias... (QUEIROZ, 1980, p.123).

O tempestuoso Carvalhosa, que vociferava contra a monarquia, afirmava aos demais ouvintes: “[...] meus amigos, os desastres do Império foram providenciais”, mas é retrucado, de novo, pelo jornalista, com um risinho e vozinha: “Então Carvalhosa, apumando-se, atacou a questão religiosa: Deus, segundo ele, estava em tudo: tanto no mais alto feitio da história, como no grão de palha que a formiga... Lá diz V. Hugo.” (QUEIROZ, 1980, p.123). A discussão apaixonada prosseguia:

Mas o jornalista declarou: V. Hugo um asno, o Asno V. Hugo – [dizendo] com um [ar] de desdém – que V. Hugo estava velho, já não sabia o que dizia. – Carvalhosa perdeu o domínio de si mesmo: defendeu V. Hugo, com gestos furiosos, estampidos de voz; chamou-lhe o profeta do século XIX, o inspirado d’*Hauteville House*. (QUEIROZ, 1980, p.124).

O embate sobre Victor Hugo – defendido por Carvalhosa, e ofendido por Pimenta-, conseguiu a adesão do poeta Roma que enalteceu o legado do escritor francês:

– Isso, isso, disse o poeta, alteando-se e recuando.

O jornalista, friamente, coçando-se na prega entre o colete e as calças – sorria. O[s] últimos livros de V. Hugo fazem rir. Carvalhosa berrava: Ri-se, ri-se do Génio, ri-se da Inspiração, ri-se da Poesia, ri-se do Sublime. (QUEIROZ, 1980, p.124).

Atônito e melindrado pelo tom de deboche do jornalista Pimenta a respeito da genialidade de Hugo, Carvalhosa resolveu se reunir com outros convidados e discutir sobre os rumos da França na situação de república, depois da queda da monarquia, em 1870. Ele se dirigiu à anfitriã Genoveva, que tinha vivido 12 anos, em Paris, na época do esplendor do Segundo Império:

- E como vai a política, em Paris? Disse.
- Bem, disse Madame de Molineux embaraçada, constrangida.
- Os republicanos têm sido admiráveis. O último discurso de Gambetta era bom. Que eu não me entusiasmo: faltam-lhes as imagens, o brilho, a eloquência, as flores. Mas enfim, começa uma nova aurora... (QUEIROZ, 1980, p.130).

Nesse discurso, o deputado expressou sua esperança no governo republicano de Leon Gambetta. Em conversa com o barítono Sarrotini, o transgressor Carvalhosa afirmou que “- O papado com efeito é a chaga da Itália. O papado é a treva.” (QUEIROZ, 1980, p.136). Após entender a tirada virulenta contra o Papa, o cantor italiano republicano declarou-se carbonário e entoou a Marselhesa – “*Allons enfants de la Patrie!*”-:

- Um entusiasmo romanesco apossara-se do poeta Roma que gritava com a sua voz fina:
- A Marselhesa, a Marselhesa!
- Mas Madame de Molineux interveio. A Marselhesa, não: Fez-se um silêncio:
- A *Marselhesa*, não. É uma cantiga que detesto. Lembra-me o povo. Outra coisa, outra coisa.
- Parecia muito assustada; como se ouvisse uma fuzilaria insurrecta. (QUEIROZ, 1980, p.130).

Genoveva aproximou-se do velho poeta Couto, e explica-lhe: “Foi por sua consideração também que não quis que cantassem A Marselhesa, nada mais desagradável aos olhos de um conservador [...]” (QUEIROZ, 1980, p.137). Para ela, alpinista social monarquista, a canção lhe lembrava as insurreições populares.

Posteriormente, durante a comemoração de 40 anos de Genoveva, a questão do governo de Napoleão III surgiu em conversas entre João Meirinho e Vítor sobre a condição da anfitriã estrangeira na própria pátria, Lisboa. Meirinho expressou compreensão para a situação dela, antes magnânima, na residência de Mr. de Molineux, e declarou a decadência da França sem o Império:

- [...] mas aqui, em Lisboa, estava deslocada! Era necessário vê-la em Paris. Tem espírito, tem finura. E recebe muito bem. E veste-se... E entende de carruagens! [...]. Eu conheci-a muito. E Mr. de Molineux, um velho divertido ... que ceias !... Ah, já vai tudo!...Paris sem um Império não vale nada... E – oscilou a cabeça com melancolia, como se visse, estendidas no pátio, a[s] ruínas da França. (QUEIROZ, 1980, p.224).

Conclusão

A imagem do Segundo Império de Napoleão III (1852-1870), delineada em Portugal, foi transmitida por ecos de notícias veiculadas pela imprensa, por boataria, ou por obras literárias ou de denúncia, como no caso de *Napoléon Le petit* e *L'histoire d'un crime* (1852), de autoria de Victor Hugo.

Nos anos (1861-1866) de estudo de Direito na universidade de Coimbra, Eça de Queiroz e seus contemporâneos se inflamaram na defesa dos ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade”, se empenharam na luta de repúdio à política interna e externa do Imperador Bonaparte, e se tornaram admiradores ardentes das atitudes e dos escritos de Victor Hugo.

A França de Napoleão III, cristalizada no romance *A tragédia da rua das flores*, surge por rumores jornalísticos ou literários ou pelas experiências vividas na França por João Meirinho, e por madame Genoveva de Molineux. Ela foi testemunha de um fato histórico: a comemoração particular, em forma de jantar em sua residência, da declaração de guerra francesa à Prússia. Um de seus amantes, o visconde de La Rechantaye, tombou na batalha de Saint Privat, e o outro, Mr. de Molineux, caiu, apoplético, no dia de rendição do Senado da França monárquica, em Versailles.

O legado de Victor Hugo, perseguido por Napoleão III, foi defendido, ardentemente, pelo deputado Carvalhosa. Republicano fanático, ele vociferou contra os senadores franceses, os chamou de “velhos debochados” e classificou o Segundo Império, como local de “corrupção”, mas elogiou o último discurso do republicano Gambetta, empossado em 1870, como membro do Governo de Defesa Nacional. Mr. de Molineux, o amante senador de Genoveva, foi descrito como um político adulator que compactuava com qualquer tipo de governante, monarquista ou republicano.

Apesar da queda da monarquia francesa e da falência financeira de Genoveva em consequência da guerra franco-prussiana (1870), a altiva madame mantinha uma fidelidade orgulhosa ao exilado Napoleão III, portava um ramo de violetas bonapartistas e odiava a *Marselhesa* que lhe recordava a plebe. Os relatos dela ao seu jovem amante Vitor, a respeito de boatos franceses sobre o antigo Imperador, refletiam a ironia queiroziana em relação a Luis Bonaparte. O sobrinho do glorioso Napoleão Bonaparte apareceu, como um homem irresponsável com o destino dos súditos e da nação e indiferente ao futuro dos dissidentes. Apoiador da instalação de um estado policial, em

desrespeito ao regime democrático do estado de Direito, Napoleão III se reunia com um membro da polícia secreta e se envolvia com fofochinhas. Dedicava-se, ainda, a jogos infantis, como recortes de figurinhas de papel, envolvia-se em orgias sexuais grupais e vivia em quadro de variação de humor, enquanto que a nação estava mergulhada em caos. Napoleão III declarou a sua “guerrazinha” contra o exército altamente equipado, organizado, disciplinado, com canhões Krupp, da Prússia.

Lastimável é a imagem de Napoleão III e dos senadores do Segundo Império, criada pelo jovem José Maria Eça de Queiroz, aos 32 e 33 anos, durante a escrita de *A tragédia da rua das flores* (1877 e 1878). O ímpeto juvenil virulento, que estava presente nele em relação a Luis Bonaparte, arrefeceu com o passar dos anos. No ano de 1896, na evocação aos tempos de Coimbra, Eça confessa: “[...] O pobre Napoleão III foi para essa nossa Coimbra um Nero, um Anticristo.” (*In Memoriam* de Antero apud MATOS, 1993, p. 652).

Ascension and fall of the Second Empire in France (1852-1870) in A tragédia da rua das flores by Eça de Queiroz

ABSTRACT: *In the years of his political-intellectual-literary background development, José Maria Eça de Queiroz (1845-1900) took position in manifestoes, letters, and newspaper articles, against Napoleon III, viewed as a gagger of opposition members and a megalomaniac as far as his foreign policy was concerned, who led France to a defeat against Prussia, in Sedan (1870). In the novel A tragédia da Rua das Flores (The Tragedy of the Street of Flowers), written between 1877 and 1878, Eça portrays his Portuguese protagonist, Genoveva de Molineux, as an international cocotte, who suffered affective and financial losses due to the Franco – Prussian war. In spite of the fall of the French monarchy, the prostitute remains faithful to the Emperor, and presents herself in Lisbon with a branch of violet, flower which symbolized the Bonaparte's supporters. Offended, she reports to her lover, Vitor, current jokes told about Napoleon III. In a crowded musical soirée in Genoveva's residence, at Rua de São Bento, heated debates take place between supporters and enemies of the Second Empire, about the writer Victor Hugo and the journalist Gambetta, both historical characters.*

KEYWORDS: *Portuguese literature. Eça de Queiroz. A tragédia da Rua das Flores. History. France.*

REFERÊNCIAS

DECARLO EVENTOS. **As violetas bonapartistas**. Disponível em: <<http://djantoniopaulo.blogspot.com.br/2012/10/o-que-significa-cada-flor-do-buque-de.html>>. Acesso em: 4 mai. 2013.

HUGO, V. **Napoleão, o pequeno**. Tradução de Márcia M. de Aguiar. São Paulo: Ensaio, 1996.

HUGÓLATRA. In: MATOS, A. C. (Org.). **Dicionário de Eça de Queirós**. Organização e coordenação de A. Campos Matos. 2 ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 1993. p. 497-498.

MARSON, I. A. História e revolução- O dezoito Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx, e Napoleão, o pequeno, de Victor Hugo: um contraponto. **Projeto História**, São Paulo, n. 30, p. 137-150, jun. 2005.

MATOS, A. C. Napoleão III e a França do Segundo Império. In: _____. (Org.). **Dicionário de Eça de Queirós**. Organização e coordenação de A. Campos Matos. 2.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 1993. p.645-658.

MEDINA, J. **Eça de Queiroz e o seu tempo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

QUEIROZ, E. de. **Obra completa**. Organização geral, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. (Correspondência, v.3-4).

_____. **A tragédia da rua das flores**. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

ROCHA, D. Gênese, censura e publicação póstuma: a tragédia da rua das flores, de Eça de Queirós. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA E CULTURA, 4., São Cristóvão. **Anais eletrônicos...** São Cristóvão: GELIC/UFS, 2012. v.4.



